

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



PRISCILA GONÇALVES DE OLIVEIRA MANFRIN

BODY ART: UM APRENDIZADO DAS ARTES VISUAIS

ARAXÁ

2013

PRISCILA GONÇALVES DE OLIVEIRA MANFRIN

BODY ART: UM APRENDIZADO DAS ARTES VISUAIS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Gabriela Maria Garzon

ARAXÁ

2013



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada BODY ART: UM APRENDIZADO DAS ARTES VISUAIS, de autoria de PRISCILA GONÇALVES DE OLIVEIRA MANFRIN, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

ORIENTADORA: GABRIELA MARIA GARSON

BANCA: GABRIELA MARIA GARSON

BANCA: NATÁLIA MARTINS CARNEIRO

ARAXÁ
2013

DEDICATÓRIA

Dedico a realização deste trabalho em especial a minha família que muito me apoiou e me ajudou a superar os momentos considerados difíceis.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me proporcionar a possibilidade de iniciar e finalizar o curso.

Agradeço à minha família por todo o apoio recebido, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis.

A todos dessa instituição por menor que tenha sido a sua participação, por nos fornecer os cuidados e o conhecimento necessário ao crescimento profissional.

Aos professores doutores por dividirem conosco todo o saber e incansáveis em seus ensinamentos nos transmitiram um pouco mais de seus conhecimentos.

Agradeço a minha orientadora por me orientar nessa última tarefa para concluir parte do meu aprendizado, deixo aqui o meu reconhecimento e meu muito obrigado.

A todos, registro singelamente o meu muito obrigado e que Deus os abençoe.

**“Todo o conhecimento humano começou com intuições,
passou daí aos conceitos e terminou com ideias.”**

Immanuel Kant

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo compreender, quais os desafios e contribuições da abordagem da *Body Art* como conteúdo de arte na perspectiva do professor. A finalidade desse trabalho é entender como acontece a inserção de um determinado conteúdo pelo professor em seu planejamento, durante o trabalho questões que envolvem um breve histórico do ensino da arte no Brasil, a importância do ensino da arte contemporânea na sala de aula (tomando o corpo como veículo artístico) e a *Body Art* de acordo com a definição do problema. Será apresentado uma metodologia e um plano de aula executado pelo professor. Por fim, uma análise dos dados recolhidos e as considerações significativas que pode obter através de todo esse estudo, e assim compreender quais os desafios e contribuições da inserção *Body Art* como conteúdo de arte, reveladas pelos professores em suas escritas.

Palavras-chave: Professor. Planejamento. Arte Contemporânea. *Body Art*. Contribuições.

LISTA DE IMAGENS

<i>Figura 1: Corpo e alma (Vito Acconci, 1940)</i>	22
<i>Figura 2: Body Art o Francês Yves Klein</i>	23
<i>Figura 3: Os Samoanos</i>	24
<i>Figura 4: Japão feudal, tatuagens como forma de punição</i>	25
<i>Figura 5: Pintura Corporal Kaiapo</i>	29
<i>Figura 6: Pintura no corpo</i>	30
<i>Figura 7: Happenings</i>	31
<i>Figura 8: Performances</i>	31
<i>Figura 9: Rubbing Piece</i>	32
<i>Figura 10: Pintura corporal na escola</i>	33
<i>Figura 11: Pintura corporal na escola</i>	33
<i>Figura 12: Pintura corporal na escola</i>	33
<i>Figura 13: Pintura corporal na escola</i>	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A RELAÇÃO DO ENSINO DE ARTE E A BODY ART.	12
1.1 O ensino da Arte	12
1.2 Body Art.....	18
2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO AO BODY ART.....	27
3 COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E A LINGUAGEM DA ARTE	35
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

A história da arte acontece desde a pré-história. A sociedade primitiva já se comunicava através de desenhos impressos nas paredes das cavernas. No Brasil o ensino da arte começou com os Jesuítas, que ensinavam os nobres e índios. Depois veio a Educação Artística que era uma matéria não obrigatória no currículo escolar. Somente em 1996 com as mudanças na Lei de Diretrizes e Bases - LDB, a Arte ganha força e passa a ser disciplina com conteúdo específico fazendo parte da grade curricular. Nas áreas de atuação podemos destacar: lecionar em escolas públicas e privadas, escolas específicas de arte e ainda em empresas e outras. Uma das atribuições de um Arte-educador é de despertar o sentimento e o sentido de arte em seus alunos, o interesse pelas questões artísticas e estética, até mesmo a busca do que é arte.

A arte configura-se como um conceito difícil de definir, pois existem várias formas de enxergá-la e de explicá-la, porém, é possível selecionar algumas considerações sobre o assunto.

O espaço escolar é o caminho que abrange todas as áreas do conhecimento. Sejam científicos, empíricos, individuais, coletivos, de disciplinas específicas de estudo sociais. E é desde o nascimento, que o ser humano desenvolve suas experiências.

Na adolescência os jovens possuem fortes ligações com o seu grupo de convivência. São trocadas experiências, compartilham suas dificuldades dúvidas vivem intensamente na expectativa de descobrir o novo. Nessa fase o corpo sofre intervenções, sejam elas, tatuagens, brincos, percings, alargadores. E o adolescente vê essas alterações como parte da identidade de cada um. Temos a ideia que o uso da tatuagem, dos percings, faz parte da identidade cultural do adolescente, e o professor deve buscar uma aproximação do contexto do aluno, retomar valores e valorizar características.

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio:

Valoriza-se, assim, o repertório do aluno, especialmente dos jovens em contato com as mídias, priorizando a análise dos ritos subjacentes ao modo de vestir, falar, aos gestos de cumprimento e às preferências esportivas. A identificação com o *hip-hop* pode ser dada como exemplo desses ritos na

esfera urbana, com suas manifestações como grafite, tatuagens, preferências musicais, esportivas, danças de rua, etc.

Este trabalho aborda a inclusão do estudo da body art considerando a necessidades de inserção de novas atitudes e comportamentos na qual envolve a família, à escola e principalmente à sociedade.

Propõe, portanto, um tema pouco abordado no ensino de artes na escola básica, porém, muito relacionado à vida dos adolescentes atuais. A proposta é buscar uma melhor forma de orientar o educador a ensinar arte através do Body Art. Para que isso aconteça será realizado um estudo de suas manifestações artísticas, seus precursores e suas bifurcações dentro de movimentos. Orientar o educador a relacionar os conteúdos à realidade dos alunos no seu cotidiano.

Body Art, segundo o Itaú Cultural:

Designa uma vertente da arte contemporânea que toma o corpo como meio de expressão e matéria para a realização dos trabalhos, associando-se frequentemente a *happening* e *performance*. Não se trata de produzir novas representações sobre o corpo - encontráveis no decorrer de toda a história da arte -, mas de tomar o corpo do artista como suporte para realizar intervenções, de modo geral, associadas à violência, à dor e ao esforço físico” (2012, p. 02).

A partir desse conceito fica em questão, quais as possibilidades de se trabalhar o conceito da *Body Art* partindo da realidade do aluno e professor: reconhecer a *Body Art* como conteúdo da arte, como abordar esse tema na escola, quais materiais de apoio usados como suporte para essa abordagem.

Para obter respostas a estas questões será abordado no primeiro capítulo uma breve história da arte e o ensino de arte no Brasil, as Leis de Diretrizes e Bases da arte e a atuação do arte-educador. Falaremos da Arte Contemporânea e sua atuação na escola, a importância da arte na educação, sua obrigatoriedade no ensino e interdisciplinaridade, bem como, os Parâmetros Curriculares Nacionais da Arte.

Após isso, inserimos os conceitos da *Body Art*, suas origens e atuações tanto na arte como na escola. No segundo capítulo, será apresentada uma metodologia sobre o *Body Art* a fim de proporcionar uma compreensão da Arte Visual e um plano de aula realizado pelo professor. Já no terceiro capítulo, uma análise dos dados coletados. Ao final, a conclusão desse trabalho acadêmico.

1 A RELAÇÃO DO ENSINO DE ARTE E A BODY ART.

1.1 O ENSINO DA ARTE

Desde a Antiguidade, os homens da Pré-História desenhavam a arte rupestre (desenhos feitos nas cavernas). As figuras representavam a caça, mas isso não significava como o grupo vivia; pois elas tinham um caráter mágico, faziam com o que o grupo se preparasse para a tarefa que garantiria a sobrevivência.

A arte foi se subdividindo em estilos, com o tempo, tais como: barroco, gótico, romântico e outros.

O surgimento do Renascimento fez com que a arte se dividisse em conceitos: a pintura, literatura, música, escultura, arquitetura e a arte feita com cerâmica, tapeçaria e etc.

Depois do século XIX, a arte teve como objetivo retratar a beleza. Já no século XX, a arte passou a se referir, principalmente, às artes plásticas.

Toda arte criada é uma consequência do trabalho feito pelo homem. Em cada uma delas expressam a personalidade do artista, onde mostram o período em que foram feitas, criadas e suas influências culturais.

Muitas vezes o artista se preocupa com a beleza da sua obra. Isso faz com que ele busque matérias-primas que aproximem sua obra do mais real possível. Os artistas expressam em suas obras todos os seus sentimentos.

Com o tempo a arte foi se modificando. Com isso, a história da arte pode ser dividida de acordo com a divisão dos períodos da história da humanidade. (ARGAN, 1992)

Segundo Bernadete Zagonel (2008, p. 16)

Os primeiros registros relacionados ao ensino da Arte no Brasil são datados aproximadamente entre os anos de 1549 e 1808, período e que a educação estava voltada para os nobres, sob a responsabilidade de grupos religiosos principalmente os jesuítas. Neste período, no Brasil, a Educação dominada pela Missão Jesuítica era dividida em dois projetos: um para a catequização dos índios e outra para a elite dominante.

Assim, percebe-se que a arte no Brasil teve início juntamente com seu descobrimento através de grupos religiosos (jesuítas). Por volta de 1808 ocorreram várias mudanças na política, educação e cultura, Foi por volta de 1808, através das

reformas do Marquês de Pombal, que a educação Jesuítica perdeu sua força. Os jesuítas perderam o poder de atuar junto às escolas, porém os professores aptos a atuar eram os formados pelos próprios jesuítas. Este período foi marcado por mudanças no cenário político, educacional e cultural do Brasil. Nesta época, o sistema educacional foi dividido em uma estrutura de três níveis de ensino, primário, secundário e superior além de cursos profissionalizantes.

Este momento pedia uma reestruturação cultural no país, que ficou marcada pela vinda da Missão Artística Francesa para o Brasil, ação de D. João VI, com o objetivo de “reformular os padrões estéticos vigentes. (FERRAZ; FUZARI, 2009, p. 42)

No campo cultural uma das principais mudanças veio através da Missão Artística Francesa que chegou ao Brasil em 1816 com o objetivo de mudar a concepção popular de arte, tendo seus principais artistas Jean Baptiste e Nicolas Taunay. Com a vinda desta missão foi criado em 1816 a Escola Real das Ciências, Artes e Ofício do Rio de Janeiro, que futuramente seria transformada em Imperial Academia e Escola Belas Artes.

Por volta de 1901 a 1914 tem início a implementação da educação americana no Brasil promovida por missionários americanos, BARBOSA (2002, p. 42) afirma que:

Por volta do ano de 1914, iniciou-se a preocupação com a expressão da criança, através da pedagogia experimental. A criança gradativamente passa a ser vista com características próprias e não mais como um adulto em miniatura. A influência da pedagogia experimental propiciou as primeiras investigações sobre as características da expressão da criança através do desenho. O desenho começa a ser utilizado como teste mental e passa a ser considerado fator interno que reflete a organização mental. Valoriza-se a livre expressão da criança, partindo da imaginação e condenando os modelos impostos pela observação.

No ano de 1914 o desenho livre passa a ser valorizado, deixando para trás aqueles modelos impostos. Após oito anos um grupo de artistas criou a semana da arte moderna, com o objetivo de mostrar o estilo brasileiro, o evento ocorreu entre 11 e 18 de fevereiro de 1922. A arte no Brasil foi influenciada pelo evento e logo após foi criada a primeira escolinha de artes no Brasil, estas tinham como objetivo trabalhar as expressões artísticas para o público infantil, valorizava-se a livre expressão. No século XX houve a valorização dos dons artísticos como trabalhos manuais, musicais e canto orfeônico.

No ano de 1996 ocorreram várias mudanças na Lei de Diretrizes e Bases – LDB, no que diz respeito à disciplina Artes, que até então não era matéria obrigatória

e ainda possuía o termo Educação Artística. A LDB é clara quando diz que o ensino de arte será componente curricular obrigatório, tanto no ensino fundamental como no ensino médio com o objetivo do desenvolvimento cultural do aluno (LDB lei nº 9394/96). A arte deixou de ser educação artística, portanto tem conteúdo específico, como: Arte Visual, Teatro, Música e Dança.

Dessa forma percebe-se que a LDB 9394/96 teve grande importância no desenvolvimento da História da Arte como disciplina, pois agora esta passa a ser disciplina obrigatória na grande curricular.

Existem diversas áreas onde o Arte-Educador pode atuar além da escola, como por exemplo, nos museus, onde desenvolve atividades na organização estética de acessibilidade das exposições, podendo atuar ainda nas áreas tecnológicas, trabalhos voltados para a licenciatura em escolas do Ensino Fundamental, Médio, Profissionalizante, bem como outras instituições específicas de Arte. Dentro das empresas este profissional pode atuar como desenhista, em agências de publicidade pode atuar como ilustrador, design, escultor, pintor, desenhista técnico, músico, ator entre outras. Sendo que em todas as áreas de atuação a arte educadora tem a responsabilidade de: Elaborar calendários de acontecimentos turísticos, planejar, organizar, coordenar e executar atividades de projetos e ações culturais, organizar e executar atividades culturais em integração com a comunidade, integrar atividades culturais com outras de caráter desportivo, artístico e educacional, executar projetos e ações culturais, elaborar documentos e relatórios, realizar atividades técnicas e de informática na área e ainda participar de cursos de qualificação e requalificação profissional. (BARBOSA, 2004).

Atualmente, as Artes, em suas diversas manifestações, são um componente curricular obrigatório nas escolas de todo o nosso país.

Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a arte. (BARBOSA, 2007 p.5).

Se, no século XIX, as Artes eram consideradas disciplinas "nobres" e importantes na formação cultural de um país, na primeira metade do século XX, o ensino das Artes nos ambientes acadêmicos estabeleceu uma relação de subserviência com o poder político e passou a ser instrumento de reação a reformas culturais. O ensino de Arte no Brasil tendeu à cristalização.

A ideia inicial de uma missão educativa foi do naturalista e explorador Alexander Humboldt que visitara a América Latina e, nela, a Amazônia, descrevendo a geologia, a botânica, a zoologia e outros aspectos geográficos e culturais da região, segundo os parâmetros da ciência moderna. Como humanista Humboldt acreditava que se deviam fornecer aos povos os instrumentos e os conhecimentos necessários ao desenvolvimento da sua autonomia, o que, no Brasil, se realizaria por meio da educação para a gestão autóctone da administração pública e das ciências e técnicas.

Em 1826, D. Pedro I inaugurou o prédio da Escola, na Travessa das Artes, próximo à atual Avenida Passos, renomeando como Academia Imperial de Belas Artes (hoje Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

No Brasil, havia exímios mestres de obras, entalhadores e pintores autodidatas, herdeiros diretos dos conhecimentos trazidos pelos portugueses, que realizavam suas obras segundo as técnicas, a inspiração estética e os modelos da Arquitetura e das Artes Plásticas europeias. A informalidade na formação dos construtores e artistas prevaleceu até o século XVIII. A Missão Francesa trouxe o neoclassicismo, que passou a ser o modelo artístico por excelência, suplantando a maneira barroca, até então em voga. A estética neoclássica seguia regras rígidas de composição, tais como estabilidade, harmonia e o remetimento às formas da natureza, com a intenção de incuti-las no imaginário do espectador.

Construir uma obra de arte organizando harmonicamente elementos em profusão era a demonstração cabal de que se podia ter o controle sobre o caos em que se desenrolava a vida na época, em meio a crises políticas, guerras e epidemias. Alguém precisava fazer crer que o domínio humano sobre o mundo não era uma ilusão, e isso poderia ser feito utilizando, com destreza técnica, as artes plásticas.

Enquanto na Europa, na segunda metade do século XIX, a Arte adquiria autonomia, ultrapassando o neoclassicismo e tornava-se, sob o romantismo, antes tudo expressão das inquietações diante das transformações sociais e culturais, o Brasil, em pleno século XX, permanecia retratando eventos históricos de modo heróico e remetia a líricas representações da colonização, persistindo em copiar os modelos neoclássicos europeus até a Semana de Arte Moderna, em 1922.

Na educação artística, a situação de subserviência às formas e às regras de execução rígidas que preconizavam a cópia de modelos perdurou até as décadas de

1980 e 1990, apesar de alguns movimentos questionadores que, se operaram mudanças no âmbito das Artes, não tiveram efeito no mundo da Educação, destinando às Artes um papel apenas acessório na formação do estudante.

Dada à formação insuficiente nas diversas linguagens e formas artísticas de alguns dos nossos professores, tendemos a acreditar que às Artes cabe apenas uma função menor dentro do currículo:

A arte na escola já foi considerada matéria, disciplina, atividade, mas sempre mantida à margem das áreas curriculares tidas como mais "nobres". Esse lugar menos privilegiado corresponde ao desconhecimento, em termos pedagógicos, de como se trabalhar o poder da imagem, do som, do movimento e da percepção estética como fontes de conhecimento (PCN Artes, 1998 p. 26).

Os paradigmas da Arte e da Educação vêm se alterando profundamente, a um ideal que aponta para a convergência dos saberes.

O modelo atual brasileiro para o ensino das Artes, que percebemos ser um modelo holístico, pois reúne a compreensão da cultura e da produção artística, com o objetivo de apresentar uma visão integrada de ambas. Entende-se atualmente a construção do conhecimento artístico como uma conjunção de competências complexas, certamente interdisciplinares, e que tem suas características particulares.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, a arte passou a ser obrigatória na educação básica.

Os PCN incluíram, então, a preocupação com a interpretação do valor comunicativo da Arte, do seu valor polissêmico, subjetivo e projetivo, e de seu poder de interiorização das emoções que compõem o fenômeno artístico, assim como trouxeram uma preocupação fundamental com a formação do professor, a fim de que possa inserir os conteúdos das Artes em sua práxis, corroborando uma tendência verificada entre os especialistas em Artes e Educação: a de incluir as diversas formas de expressão artística em suas preocupações, tendo a considerar a Arte como uma atividade produtiva e comunicativa.

Para que essas orientações se tornem realidade em nossas salas de aula, é necessário que os professores tenham uma formação consistente, que lhes ofereça um substrato sólido em termos de conhecimentos e os meios de adequá-los à sua realidade produtiva; é preciso que sejam capazes de realizar uma ação estimuladora da curiosidade pela arte, da compreensão e do fazer artísticos nos estudantes.

As Artes não são elementos acessórios na Educação. São um componente curricular por direito próprio, que permitem aos estudantes a construção de sensibilidades e conhecimentos visuais, sonoros, gestuais etc., ampliando seu universo cognitivo.

Ensinar e aprender Arte implica, nos PCN (1998: 49-50), articular três campos conceituais:

- a) o fazer: a criação/produção artística;
- b) o apreciar: a percepção/interpretação das obras de arte;
- c) o contextualizar: o conhecimento/reflexão em arte.

O primeiro refere-se ao fazer artístico como expressão e representação, que se realiza através da experimentação e da utilização das linguagens e materiais artísticos. O segundo insere-se no âmbito da recepção da arte, decodificando as diversas obras do universo artístico. O terceiro pode ser definido como a contextualização da arte, situando o conhecimento artístico, identificando as qualidades estéticas e culturais das produções e das manifestações artísticas, desvelando o mundo e percebendo a arte como campo perceptivo, cognitivo e sensível. As relações entre Arte e Educação. Três formas de análise dessas relações:

- a) uma análise de tipo disciplinar, que lida com o corpus de conhecimento da disciplina Artes;
- b) uma análise histórica: que lida com os processos que levaram à configuração desse âmbito do conhecimento;
- c) uma análise epistemológica: que realiza uma reflexão à luz das análises anteriores, relacionando-as com outras disciplinas e tipos de conhecimento.

As três formas de análise apresentadas são complementares, permitindo-nos uma abrangente do conhecimento disciplinar de Artes no currículo escolar.

Uma das mudanças fundamentais nos PCN é o próprio uso da nomenclatura Artes Visuais, em vez de Artes Plásticas.

Walter Benjamin comentou a mudança qualitativa que a tecnologia moderna trouxe para a natureza e o status da Arte, especialmente através de sua reprodução mecânica na fotografia e nos filmes e, além disso, da fotografia e do cinema como novas formas de Arte. Sua capacidade de ser infinitamente reproduzida altera fundamentalmente a tradição da arte e o significado de um original. Da produção em massa dos objetos culturais derivou-se a moderna divisão entre "alta cultura" e

"cultura popular". Tradicionalmente, primeira devia ser estudada, apreciada ou imitada, a outra, desprezada e evitada. Benjamin considerou que, com a ascensão da fotografia no século XIX, tal divisão tornou-se insustentável, uma vez que com a dissipação do sentido de originalidade e de unicidade, diluiu-se, também, a capacidade de percepção e apreensão das infinitas sutilezas advindas da contemplação.

Vivemos, atualmente, na presença generalizada de imagens e mensagens, algumas com uma leitura artística potencial. E se as imagens e mensagens potencialmente artísticas estão cada vez mais presentes, a Estética, a História da Arte, a Crítica da Arte e os próprios artistas assumiram a preocupação de compreender, dentre outras coisas:

1. Como os seres humanos, na contemporaneidade recebem toda a informação visual;
2. Como a processam em função do que ou como a modificam, por que gostam mais de uma obra do que de outra;
3. Por que a mesma obra não é valorizada do mesmo jeito por pessoas diferentes etc.

Com o aumento do público receptor de imagens – sejam ou não artísticas – houve um aumento do esforço de análise, compreensão e aplicação dessas imagens e mensagens.

1.2 BODY ART

A Arte Contemporânea, diz respeito às produções artísticas realizadas depois da Segunda Guerra Mundial, sendo caracterizada pela experimentação na fusão de linguagens, materiais e técnicas.

Ao se analisar a história da humanidade, desde os primórdios até os dias atuais, percebe-se que o homem procurou sempre dar sentido as coisas atribuírem-lhes significados, explicar os fatos e fenômenos e, assim, obter uma compreensão sobre eles. À medida que o homem transformou o mundo em que vivia, as suas concepções foram mudando e sua forma de interpretar a realidade foi se aprimorando (ENGELMANN, 2008 p.20).

Portanto a partir do século XIX que foi marcado por fortes mudanças sociais, políticas e culturais ocasionadas pela Revolução Industrial, construíram-se novos olhares sobre o desenvolvimento cultural da sociedade, neste sentido as atividades artísticas tornaram-se mais complexa.

A cultura é definida por Tylor como “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. O autor atribui á cultura um significado amplo, pois contempla os mais variados elementos que a constituem (ENGELMANN, 2008 p. 23).

Sendo assim, o desenvolvimento da arte se concretiza pelos avanços desses olhares através da velocidade tecnológica. Onde os estilos não expressam somente as emoções individuais, mas o coletivo representado no processo criativo.

Reportando-se a Domenico De Mais, sociólogo italiano e um dos grandes estudiosos da sociedade moderna, há tempos, vem mostrando a importância da criatividade do ser humano para o desenvolvimento global. Ele diz que vivemos em um mundo em que os objetivos tornaram-se tecnologicamente avançados e de igual qualidade e não mais cobiçados com base na sua perfeição técnica, mas no nível de beleza estética, da mesma forma como os serviços são escolhidos pelo consumidor de acordo com o refinamento e a cortesia que oferecem. Ou seja, o que diferencia os produtos, as empresas e mesmo as pessoas entre si são as soluções criativas por elas implementadas, visto que a criatividade não é só ter ideias, mas também saber realizá-las. É o criar e o executar (ZAGONEL, 2008 p. 84)

Neste sentido a Arte Contemporânea, pensada até os dias de hoje, engloba uma pluralidade de movimentos e linguagens, que convivem paralelamente, todos especialmente reflexivos. Além da diversidade de propostas, as linguagens são diferentes entre si e, por vezes, contraditórias, evidenciando o caráter individualista. Segundo Bernadete Zagonel (2008, p. 37) pode-se dizer:

A arte não se faz de forma isolada, ela esta diretamente ligada ao contexto em que é produzida. Costuma-se dizer que a arte é o espelho da sociedade. [...] por meio do estudo da arte é possível compreender a história humana e estabelecer relações de fatos e de situações.

Portanto, através da Arte Contemporânea amplia-se o universo visual e estético, a observação, a percepção de semelhanças e diferenças. A Arte Moderna, que envolvia discussões coletivas, dialogava com o material plástico, interagia com ele.

Agora, a arte passa a dialogar com o pensamento plástico, a ideia da arte, tornando-se mais intelectualizada e hermética para o público. Do espectador exige-se maior atenção e um olhar que pensa.

As produções artísticas assumem um caráter híbrido, relacionando-se simultaneamente com o vídeo arte e às instalações. As expressões são de natureza conceitual gerado na base da sociedade apresentando as problemáticas sociais no campo da política e cultura, questionando sua função social.

Quando compreendemos a importância do ensino de arte na escola e a escolha de conteúdos que contribuam na formação do sujeito, é necessário falar também sobre a inserção da arte contemporânea no currículo da disciplina.

Sabe-se que não é fácil trabalhar esse conteúdo em sala de aula, até porque tudo ainda parece nebuloso e incerto. Na verdade tudo que está em constante transformação é difícil conceituar, já que a todo o momento algo se torna inusitado e muitas vezes inexplicável.

Ainda sobre a inclusão da arte contemporânea no planejamento, sabe-se que uma das dificuldades é a falta de fundamentação teórica e artística que os professores tem sobre essa temática. Atribui-se essa ausência do conceito sobre arte contemporânea por parte dos professores, a falta de experiências mais significativas com a arte. E de acordo com Barbosa (2004, p.211):

Essa situação dificulta muito a leitura das produções contemporâneas, haja a vista o jogo de sentidos que propõem ao espectador, por meio da metalinguagem, da citação, da apropriação, da incorporação, da contaminação, da intertextualidade, da paródia e/ou da crítica voraz as conformações do passado e da sociedade atual.

Ou seja, o professor, por falta de repertório, não se permite ir além, e tenta de qualquer maneira compreender, tirar conclusões, buscar respostas para as produções.

Diferentemente do que propunham e propõe muitos professores, cada movimento artístico vem inserido em uma apostila, e o professor segue seu plano de ensino de acordo com aquela sequência, hoje o professor que inclui a arte contemporânea no plano deve saber que ela não virá especificada, com conceitos formados e imutáveis, pois suas características são variadas, seus conceitos muito abrangentes e na maioria das vezes subjetivos.

Segundo Barbosa (2003, p.36) “a arte contemporânea, está ancorada muito mais em dúvidas do que em certezas, desafia, levanta hipóteses e antíteses em vez

de confirmar teses.” Portanto, enquanto apreciador deve-se compreender que ao se buscarmos explicação, ou como diz a autora, confirmações, estamos indo contra a proposta e a ideia de contemporâneo.

Outro fator que se atribui para o não ensino da arte contemporânea na escola, além dessa falta de bagagem artística e estética, é que muitas das tendências contemporâneas baseiam-se em concepções menos clássicas, mais voltadas para as tecnologias, as mídias, as vertentes artísticas como a instalação, a *body art*.

Diferentemente da arte clássica que se dividia em vários movimentos artísticos, vanguardas, onde cada um propunha uma ruptura do conceito de arte, nada se compara ao que vemos hoje no cenário da arte contemporânea.

As rupturas acontecem a cada produção, a cada experiência, a cada questionamento proposto pela obra. Cabe a arte contemporânea proporcionar rupturas na maneira de pensar arte, e não apenas rupturas de técnicas, de ideologias e finalidades.

Nesse aspecto é que a arte contemporânea se distancia um pouco das escolas, e do ensino da arte em si, pois aquela visão de arte que tem relação direta com o perfeito foi completamente desconstruída. Antes o professor chamava de bonito, atribuindo nota dez a produção do aluno, quando a mesma estava desenhada igual a realidade, a forma como pintava - geralmente no mesmo sentido - , e pequenos detalhes supérfluos como, a casa tem porta, tem que pintar o chão, o céu é azul, a árvore é verde, enfim aquelas teorias construídas pelos professores ao longo dos anos, baseados muitas vezes em práticas e metodologias que hoje não dão mais conta do contexto em que o aluno está envolvido.

Hoje o conceito pessoal do aluno deve ser muito mais valorizado do que a própria produção em si. As vivências e experiências que o aluno carrega não podem ser mediadas por um desenho em uma folha branca.

A *body art*, ou arte do corpo, designa uma vertente da arte contemporânea que toma o corpo como meio de expressão e/ou matéria para a realização dos trabalhos.

Esse tipo de arte é muito apreciado por sua proposta de inovação onde o espectador pode atuar não apenas de forma passiva, mas também como agente. As obras de *body art*, como criações conceituais, são um convite à reflexão. Não se trata de produzir novas representações sobre o corpo - encontráveis no decorrer de

toda a história da arte, mas de tomar o corpo como suporte para realizar intervenções, de modo geral, associadas à violência, à dor e ao esforço físico.

Pode ser citado, por exemplo, entre muitos outros, o *Rubbing Piece*, 1970, encenado em Nova York, por Vito Acconci (1940), em que o artista esfrega o próprio braço até produzir uma ferida. O sangue, o suor, o esperma, a saliva e outros fluidos corpóreos mobilizados nos trabalhos interpelam a materialidade do corpo, que se apresenta como suporte para cenas e gestos que tomam por vezes a forma de rituais e sacrifícios.

Figura 1: Corpo e alma (Vito Acconci, 1940)



Fonte: <http://br.blouinartinfo.com>

Tatuagens, ferimentos, atos repetidos, deformações, escarificações, travestimentos são feitos ora em local privado (e divulgados por meio de filmes ou fotografias), ora em público, o que indica o caráter frequentemente teatral da arte do corpo.

Bruce Nauman (1941) exprime o espírito motivador dos trabalhos, quando afirma, em 1970: "Quero usar o meu corpo como material e manipulá-lo". Foi na década de 1960 que essa forma de arte se popularizou e se espalhou pelo mundo.

Há casos em que a body art assume o papel de ritual ou apresentação pública, apresentando, portanto, ligações com o Happening e a Performance. Suas origens encontram referências no início do séc.I na premissa de Marcel Duchamp

em que "tudo pode ser usado como uma obra de arte", inclusive o corpo. Além de Duchamp, podem ser considerados precursores da body art o francês Yves Klein, que usava corpos femininos como "pincéis vivos", do americano Vito Acconci e do italiano Piero Manzoni.

E a tatuagem ou também chamada de dermopigmentação é uma das formas de modificação do corpo mais conhecidas e cultuadas do mundo.

Figura 2: Body Art o Francês Yves Klein



Fonte: <http://achotendenciam.blogspot.com.br>

Existem muitas provas arqueológicas que afirmam que tatuagens foram feitas no Egito entre 4000 e 2000 A.C. e também por nativos da Polinésia, Filipinas, Indonésia e Nova Zelândia (maori), tatuavam-se em rituais ligados a religião. Os primitivos se tatuavam para marcar os fatos da vida biológica: nascimento, puberdade, reprodução e morte. Depois, para relatar os fatos da vida social: virar guerreiro, sacerdote ou rei; casar-se, celebrar a vida, identificar os prisioneiros, pedir proteção ao imponderável, garantir a vida do espírito durante e depois do corpo.

Na América, tanto as tribos indígenas dos Estados Unidos, quanto às civilizações Maias e Astecas, eram praticantes da tatuagem. Para os Índios Sioux,

tatuar o corpo servia como uma expressão religiosa e mágica. Eles acreditavam que após a morte, uma divindade aguardava a chegada da alma e exigia ver as tatuagens do índio para lhe dar passagem ao paraíso.

Para os Samoanos, o ato de pintar o corpo marcava a passagem da infância para a maioridade. Enquanto não fosse marcado, o membro da tribo, por mais velho que fosse não teria voz numa roda de adultos, nem teria permissão para tomar uma esposa para si. A tatuagem também funcionava como instrumento de ascensão social: Quanto mais tatuado fosse o Samoano, mais alto seria seu estatuto na tribo.

Figura 3: Os Samoanos



Fonte: www.tintanapele.com

No Japão feudal as tatuagens eram usadas como forma de punição, tornando-se sinônimo de criminalidade. Para o japonês, muito preocupado com sua posição na sociedade, ser tatuado era pior do que a morte.

Figura 4: Japão feudal, tatuagens como forma de punição.



Fonte: www.lordomotors.com

A grande popularização da tatuagem nas Américas começou nos anos 70, quando a Califórnia foi o berço dos desenhos que reproduziram imagens de Marilyn Monroe, James Dean e Jimmy Hendrix. Nessa mesma época, os surfistas lançaram a moda de braços decorados com dragões e serpentes. Na década de 80, foi a vez dos tigres e das águias. Desde então, a tatuagem teve um aumento tão grande de popularidade que o número de estúdios subiu de cerca de 300 para mais de 4.000 nos últimos 20 anos, nos Estados Unidos.

No Brasil, a tatuagem elétrica é uma arte muito recente, surgiu em meados dos anos 60 na cidade portuária de Santos e foi introduzida pelo dinamarquês "Knud Harld Likke Gregersen" também conhecido como Lucky Tattoo, que teve sua loja nas proximidades do cais, onde na época era a zona de boemia e prostituição da cidade de Santos.

Isto contribuiu bastante para a disseminação de preconceitos e discriminação da atividade. A localização da loja era zona de intensa circulação de imigrantes embarcados, muitas vezes bêbados, arruaceiros e envolvidos com drogas e prostitutas; gerando um estigma de arte marginal que perdurou por décadas.

Existe também outras manifestações artísticas em foco para o ensino aprendizagem que são uma vertente para o surgimento do Body art dentro da arte contemporânea que podemos citar:

1- Gravura é uma técnica artística que consiste em "gravar" uma imagem em um material específico como, por exemplo, madeira, pedra, metal, linóleo. Esse desenho é entalhado com ferramentas próprias como goivas, estilete, buril e outros.

2- O happening (do inglês, acontecimento) é uma forma de expressão das artes visuais que, de certa maneira, apresenta características das artes cênicas. Neste tipo de obra, quase sempre planejada, incorpora-se algum elemento de espontaneidade ou improvisação, que nunca se repete da mesma maneira a cada nova apresentação. Apesar de ser definida por alguns historiadores como um sinônimo de performance, o happening é diferente porque, além do aspecto de imprevisibilidade, geralmente envolve a participação direta ou indireta do público espectador.

3- A performance, art performance ou performance artística é uma modalidade de manifestação artística interdisciplinar que - assim como o happening - pode combinar teatro, música, poesia ou vídeo. É característica da segunda metade do século XX, mas suas origens estão ligadas aos movimentos de vanguarda (dadaísmo, futurismo, Bauhaus, etc.) do início do século passado. Difere do happening por ser mais cuidadosamente elaborada e não envolver necessariamente a participação dos espectadores. Em geral, segue um "roteiro" previamente definido, podendo ser reproduzida em outros momentos ou locais.

2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO AO BODY ART

Faremos uma discussão sobre as concepções de aprendizagens inerentes aos vários tipos de métodos e técnicas sobre o Body Art e de como essa visão de aprendizagem afeta a prática do cidadão, aluno e principalmente do professor.

Provavelmente muito já se tenha dito sobre a questão da docência e do relacionamento interpessoal, mas o fato de um tema bastante discutido continuar sendo de interesse e de urgência nos meios educacionais parece ser, no mínimo, curioso.

A proposta não será indicar uma receita de como lecionar artes, mas identificar uma maneira de inserir o tema Body Art nas características do que vem a ser um relacionamento bem sucedido entre professor e aluno. A intenção será muito mais buscar entender as implicações e pertinências entre a docência e o relacionamento interpessoal vivido no cotidiano da sala de aula, bem como sua difícil concretização por parte, sobretudo, dos professores, para, justamente nos ajudar a melhor compreender a questão dos métodos e das técnicas deste sistema.

Pode-se dizer que a prática ainda é concebida como a mediadora da produção do conhecimento que se fundamenta e é mobilizada pela e na experiência de vida do professor e do aluno. Dessa forma, o professor se constrói a partir de uma prática interativa e dialógica entre o individual e o coletivo sendo essa discutida pelas artes que envolvem a nosso cotidiano.

Com bases nos estudos foi feito um acompanhamento na Escola Estadual “Capitão Antônio Justino Falleiros” do município de Ituverava - SP, em uma sala de 1º série do ensino médio, observando a aula de Artes com foco em Body Art. Foi feito um estudo que abordaremos a seguir em duas etapas, ou seja em duas aulas, tentando demonstrar o conhecimento e a aprendizagem do Body Art, e sua importância na cultura em artes Visuais.

O primeiro passo foi feito um estudo e um plano para poder identificar o que realmente o aluno poderá aprender com esta aula e os aspectos que isto trará em suas concepções. Foram abordados os seguintes passos:

- Compreender a Body Art como linguagem da arte contemporânea;
- Conhecer a proximidade da Body Art com outros segmentos como o *happening* e a *performance*;

- Apreciar a pintura corporal indígena dos Kaiapo Mitoludens;
- Trabalhar o corpo como suporte para poéticas pictóricas.

Duração das atividades

- Duas aulas de 50 minutos cada

Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno

- Noções básicas de pintura
- Arte Contemporânea

AULA 1

Foi conversado com os alunos sobre os diferentes suportes, papel, garrafa, plástico, madeira, tecido, tela, papelão, chão, parede etc, superfícies e possibilidades onde podemos registrar uma imagem em desenho ou pintura.

Também foi falado sobre o suporte pictórico, que é a superfície sobre a qual se aplica a cor em uma pintura.

Convidamos os alunos para apreciar o vídeo: Oficina de Pintura Corporal Kaiapo Mitoludens que se encontra disponível no link: <http://www.youtube.com/watch?v=fuADaR8imc&feature=related>.

Após o vídeo a professora tutora de uma forma simples socializou as imagens trazidas pelo vídeo, enfocando a forma e desenho, a técnica, a tinta e as imagens vistas. Depois foi disponibilizado aos alunos papel e lápis para que elaborassem estudos de pinturas ou croquis com referência nas imagens de pinturas corporais indígenas observadas no vídeo.

Figura 5: Pintura Corporal Kaiapo.



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=WF8af6FHIE>

E por fim foi solicitado, após um diagnóstico, uma pesquisa sobre artistas que trabalham o corpo enquanto suporte pictórico.

AULA 2

Na Segunda aula foi retomado o vídeo Oficina de Pintura Corporal Kaiapo Mitoludens e os croquis elaborados a partir dele na aula anterior. Foi proposto uma apresentação da pesquisa elaborada pelos alunos, onde foram mostradas as figuras dos artistas. Também foi construído um painel coletivo do qual mostravam as diferentes ideias de cada pesquisador trazidas por eles.

Alguns pontos importantes durante a aula foram abordados como, por exemplo, a pintura sobre a pele: A professora tutora explicou que as formas de expressão de arte variam de pessoa para pessoa e cada mais os artistas tem inovado na forma de divulgar seus trabalhos. Uma maneira bem interessante que começou a ganhar bastante conhecimento em todo mundo pela divulgação na mídia foi à pintura feita na pele. Não é necessariamente uma tatuagem, na verdade os artistas utilizam uma tinta que sai da pele. Algumas destas pinturas chegam a suprir a necessidade de roupas, de tão reais que acabam sendo.

Figura 6: Pintura no corpo.

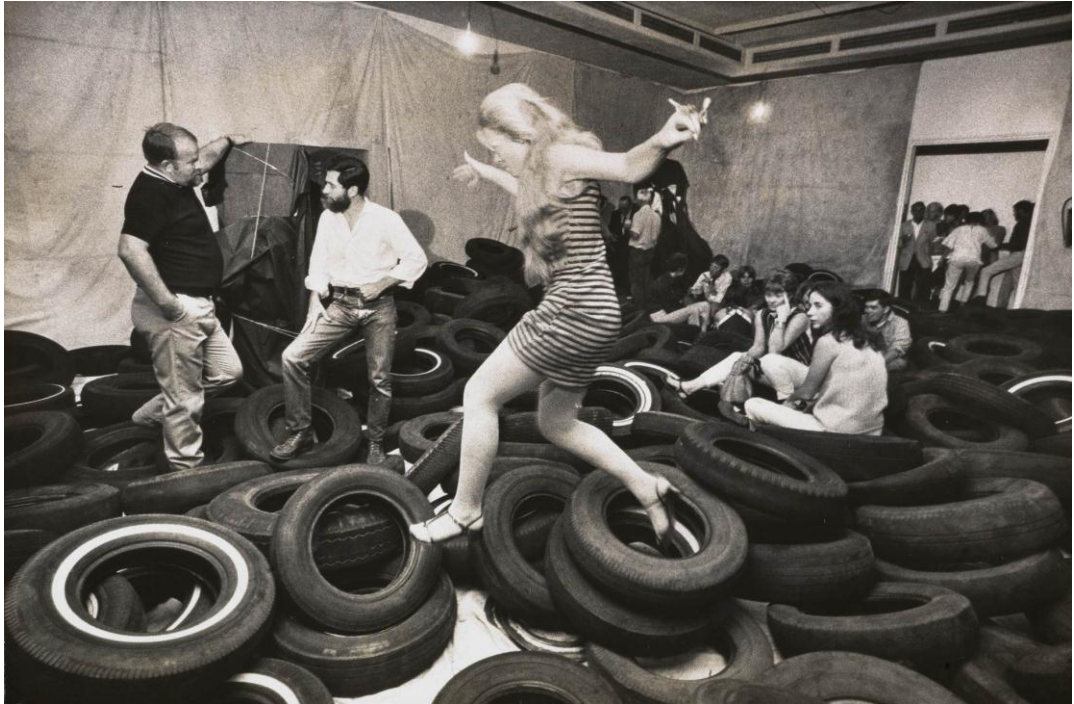


Fonte: <http://marielendesouza.blogspot.com.br/2011/07/body-arte.html>

Após esta explanação foi apresentado aos alunos o conceito de Body Art, adaptando-o à faixa etária e ao vocabulário da turma.

Foi explicado pela professora tutora que a Body Art ou arte do corpo, designa uma vertente da arte contemporânea que toma o corpo como meio de expressão ou matéria para a realização dos trabalhos. Associando-se frequentemente a *happenings* e *performances*. Não se trata de produzir novas representações sobre o corpo, encontráveis no decorrer de toda a história da arte, mas de tomar o corpo como suporte para realizar intervenções, de modo geral, associadas à violência, a dor ao esforço físico.

A Body Art não se limita a se fazer algumas tatuagens. O artista do corpo utiliza a si próprio como suporte para expressar suas ideias. O corpo é encarado em sua materialidade como o sangue, suor, química e física do corpo, como um vasto campo de possibilidades criativas. Em alguns casos a Body Art pode assumir papel de ritual ou apresentação pública, aproximando-se outras formas de manifestação, como o *happenings* e a *performances*.

Figura 7: *Happenings*

Fonte: <http://pensamientoarte.wordpress.com/2010/11/15/happening/>

Figura 8: *Performances*

Fonte: <http://foradopalco.wordpress.com/performance/>

Após essas demonstrações de *happenings* e *erformances* foi explicado que a Body Art está associada ao *happening* e arte conceitual, em que o próprio corpo do artista é usado como meio de expressão. Algumas obras da Body Art são executadas em particular e divulgadas por meio de filmes ou fotografias e outras são

executadas em público. Foi dado como exemplo uma das peças mais conhecidas de sobre a Body Art foi Rubbing Piece, encenada em Nova York em 1970, na qual o artista italiano Vito Acconci esfregou seu braço até produzir uma ferida. (Figura 1).

Figura 9: Rubbing Piece.



Fonte: <http://valiteratura.blogspot.com.br>

E por fim foi apresentada aos alunos uma proposta de pintura corporal em busca de promover uma aula de pintura tendo o corpo como suporte. Foi explicado aos alunos que eles escolherão uma parte ou mais do corpo para receber a pintura do projeto escolhido e que poderão também criar espontaneamente além da proposta construída através do ensinamento e aprendizagem da Body Art.

Alguns modelos de pintura corporal ou Body Art na escola, tais como os alunos realizaram na atividade em sala de aula:

Figura 10: Pintura corporal na escola.



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

Figura 11: Pintura corporal na escola.



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

Figura 12: Pintura corporal na escola



Fonte: <http://www.nte.sed.sc.gov.br/camposnovos/2012/07/06/body-art-na-eeb-nadir-becker/>

Figura 13: Pintura corporal na escola.



Fonte: <http://www.nte.sed.sc.gov.br/camposnovos/2012/07/06/body-art-na-eeb-nadir-becker/>

3 COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E A LINGUAGEM DA ARTE

Tendo observado as aulas os alunos se interagiram bastante focando- se em um ensino aprendizagem de grande valia para o desenvolvimento e interesse em artes. Como proposta e analise de resultados podemos destacar que para ter uma atenção perante os alunos precisa-se ter um Planejamento Pedagógico. E em busca de um resultado ainda mais satisfatório, segue em questão uma metodologia diferenciada considerando como planejamento pedagógico, os discursos dentre os quais o professor identifica e descreve o plano de aula para atender os alunos com base no estabelecimento dos seguintes subtemas:

- Objetivo: relato em que o professor identificou o objetivo alcançado, por colocar em prática algum conteúdo da disciplina de Arte, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento e socialização dos alunos.
- Procedimento: quando o professor se refere ao processo utilizado para atingir e desenvolver habilidades nos alunos, ou seja, a atividade desenvolvida.
- Adaptação Curricular: todo relato dos professores a respeito do recurso (material) e procedimento (estratégia) que foi adequado ou modificado para o aluno.
- Resultados: quando o professor se refere aos resultados obtidos por intermédio da disciplina de Arte com os seus alunos.

Uma atitude não é adquirida por memorização, mas é interiorizada e assumida por um sujeito. Este fato incide diretamente na docência que pretende conseguir que as atitudes possam ser assumidas, transformadas individualmente e realizadas pelo sujeito. Essas atitudes próprias do âmbito artístico passam pelo conhecimento, pela observação, pela interpretação e, finalmente pela tomada de consciência dos diferentes processos implicados na Arte.

As linguagens artísticas são compostas pelos pensamentos e sentimentos, e são efetivadas no mundo por meio de instrumentos e técnicas apropriados para revelar um determinado resultado figural, ou imagem. Equivaleriam à organização das palavras pela gramática, no que concerne à expressão escrita e falada, que, por sua vez, também é precedida pelos pensamentos e, muitas vezes, pelos sentimentos.

A apreciação artística, que podemos chamar de contemplação, difere da leitura e da escuta, pois remete diretamente às intuições e representações mentais.

O ser humano confere às obras de arte o seu valor, os valores mudam em função do tempo e do lugar, e dos diferentes contextos culturais, atuando como base da identidade individual e coletiva, pois valores são compartilhados por grupos humanos nas sociedades e culturas.

As relações de ensino e aprendizagem de Arte não acontecem no vazio, mas sempre se ligam a determinado espaço cultural, tempo histórico e a condições particulares que envolvem aspectos sociais, ambientais, econômicos, culturais, etários. As relações entre arte e ensino-aprendizagem propiciam que o aluno seja capaz de situar o que conhece e de pensar sobre o que está fazendo a partir da experiência individual e compartilhada de aprender.

Essas atitudes implicam o incentivo à criatividade e a tomada de consciência de suas dificuldades e da relevância dos processos artísticos para além de seus resultados imediatos.

As regras que constituem as formas no imaginário não são as da razão social, são as regras da intuição, que absorve o mundo e o ordena formalmente no nosso interior, para que o expressemos em pequenos trechos, sob aquela mesma forma.

Este é um conhecimento intuitivo que é próprio a cada ser humano comum, e o artista dele se distingue apenas por conseguir conhecer e exprimir certas coisas simples com nitidez, vivacidade e complexidade maiores. Daí decorre a possibilidade de qualquer pessoa poder compreender a Arte, compreensão esta subjacente ao seu próprio gosto, que há de ser substancialmente semelhante ao gosto de quem a criou.

A capacidade para a apreensão estética não ganha por ter vivido muito tempo, ou por ter tido uma vida com grande variedade de experiências. Tudo depende da maneira como os acontecimentos foram vivenciados.

Nessa ação educacional considera-se que as pessoas, no caso, os alunos, estarão aprendendo arte à medida que forem capazes de perceber, agir efetivamente em arte e compreendê-la não apenas como objeto, mas como campo de sentido e âmbito perceptivo, sensível e cognitivo. Eles poderão perceber imaginar, recordar, compreender, aprender, fazer conexões e formar ideias, hipóteses ou teorias pessoais sobre seus trabalhos artísticos e de outros, assim como sobre o meio em geral, pois situam a arte nas culturas em diversos tempos da

história e situações sociais e sabem perceber, distinguir e argumentar sobre qualidades (PCN Artes, 1998 p. 50).

É necessário que o docente amplie seus valores e seus esquemas interpretativos. E isso ocorre, em primeiro lugar, quando assumimos que são relativos e, a partir dessa ótica, que são mutáveis e subjetivos. Além disso, implica reconhecer que existem infinitudes de valores, que cada criação artística tem seus próprios valores, e que não se deve pretender que tais valores sejam "universais" ou "eternos". Reiteramos que é preciso ver as obras pelo que elas são, e não de acordo com aquilo que acreditamos que devam ser, pois que, objetivamente, não o serão. Chamamos a atenção para o cuidado que se deve tomar com a palavra apropriação, que, muitas vezes leva professores a sugerirem aos seus alunos que copiem obras de arte.

A função da Arte como via de sensibilização da percepção e de conhecimento, como alargamento dos horizontes de compreensão estaria na abordagem estética, que tem muitas vertentes, desde a fenomenológica, à linguística e à filosófica, no aprendizado técnico, cujo exercício proporciona a percepção de detalhes, na abordagem cultural, que traz a compreensão da situação, na abordagem histórica, que o contextualizará no mundo em vive. É, então, necessário fornecer ao estudante elementos para que possa "ler" e interpretar uma imagem à sua maneira.

A Arte se relaciona com toda a cultura material e imaterial em geral, e que adquirir competências artísticas é algo que nos traz, além dos conhecimentos, o prazer e a fruição, objetivos prioritários na Educação contemporânea. Realmente, a fruição se incrementa com a predisposição e com a abertura ao novo, às possibilidades de determinado elemento artístico ou visual, a partir do abandono ou da redução de preconceitos e prejuízos, permitindo a adoção de novas atitudes em relação às obras e às formas de expressão humanas.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como alusão a abordagem de um tema pouco usual no ensino da arte, no caso o *Body Art* que nos leva a compreender como a diversidade de conteúdos da arte pode ser surpreendente, bem como, um fator estimulante para ativar o interesse dos alunos que participaram num todo das atividades propostas do professor.

Foi feito um acompanhamento na Escola Estadual “Capitão Antônio Justino Falleiros” do município de Ituverava - SP, em uma sala de 1º série do ensino médio, observando a aula de Artes com foco em Body Art. Concluímos que a busca de um resultado ainda mais satisfatório, tem que ser seguida uma metodologia diferenciada considerando como planejamento pedagógico, os discursos dentre os quais o professor identifica e descreve o plano de aula para atender os alunos com base no estabelecimento como objetivo, procedimentos, adaptação e resultados.

A Educação em Artes é extremamente importante para o desenvolvimento global do ser humano devendo ser trabalhada com liberdade e seriedade desde cedo. Fazer Arte é uma das mais ricas formas de expressão de nossos sentimentos e também na capacidade de lidarmos com situações difíceis, de improvisar e muito mais, o mercado de trabalho hoje exige cidadãos criativos e versáteis, e muitos deles podem ser incentivados e estimulados na sua capacidade de criação nas aulas de artes. Porém, não devemos julgar os trabalhos artísticos de acordo com a concepção de beleza, pois a busca da perfeição e da superação dos próprios limites e aceitação dos erros deve ser incentivada desde cedo, porque são valores fundamentais para o desenvolvimento do ser humano e conseqüente crescimento da sociedade em todos os setores, visando uma sociedade mais justa, mais solidária e mais sensível.

Aprender e apreciar a arte desenvolve a sensibilidade, estudar a história da arte, além de complementar o ensino de história tradicional faz nos entender como maior profundidade à evolução humana. A arte faz parte da história de um povo, de um modo de vida, o que acreditamos ser arte em nosso país nem sempre é arte em outro, a Arte está também ligada ao emocional, ao olharmos uma obra podemos nos

emocionar, senso que para outra pessoa pode parecer um objeto comum, a Arte não tem ligação com a beleza, mas sim com o belo.

Assim, para termos sucesso em um ensino aprendizagem focando em uma melhora futura a escola deve sensibilizar pais e alunos na compreensão da importância da Educação de Artes na escola, para que esta deixe de ser apenas uma aula de “desenho livre” e atinja objetivos mais nobres. Concluindo, o meu interesse em levantar esse tema foi poder me aperfeiçoar mais sobre o assunto e adquirir um amplo e detalhado conhecimento. Para que dessa forma possa conscientizar os alunos da importância da arte e por sua vez poder oferecer respostas concretas e elevado padrão de ensino.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae, COUTINHO, Rejane, SALES, Heloíse. *Artes Visuais: da exposição à sala de aula*. São Paulo. Edusp, 2005b. Encarte – diálogos e reflexões ver e perceber arte. Banco do Brasil apresenta. 2004.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem do Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CHILVERS, Ian. DICIONÁRIO Oxford de Arte. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 67.

OLIVEIRA, WENDERSON. *As estéticas Contemporâneas e o Ensino de Arte*, 2010. Disponível em: http://www.eseba.ufu.br/arquivos/anais/trabalhos_Completos/Eixo_4/Wenderson_Oliveira_-_AS_ESTETICAS_CONTEMPORANEAS_E_O_ENSINO_DE_ARTE.pdf Acesso em: 2013.

DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO. Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/minicursos/arte_em/cap_diretrizes.htm Acesso em: 2013.

LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Artes. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 2013.

SANTANA, Sâmara. *Fundamentos de Ensino de Artes Visuais: Material didático do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais da UFMG – Volume um*, p. 40, 2012.

LDB lei nº 12.287, de 13 de julho 2010 – Emenda. Disponível em: <http://www.direitointegral.com/2010/08/lei-12287-2010-ldb-ensino-arte-regional.html> Acesso em: 2013.

ENCICLOÉDIA ITAÚ CULTURAL: Body Art, atualizada em 16/01/2012. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3177 Acesso em: 2013.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DOMINGUES, Josiane Vian Entre Piercings, tatuagens... O *Body Modification* como pedagogia cultural generificante. **VII Seminário de Pesquisa Qualitativa: fazendo metodologia**, Rio Grande do Sul, ago. 2008.

ANDRADE, Maria Margarida de. *Como Preparar Trabalhos para Cursos de Pós-Graduação*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BERGER, John. Modos de Ver. Tradução de; Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: EDUSP, 2006

CLARK, Lygia. Col. Arte Contemporânea Brasileira. [S./] Ed. FUNARTE, 1980.

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAMAS, Nadja de Carvalho. Arte contemporânea em questão. Univille: 2006

OSTROWER, Fayga Perla. Universos da Arte. 13 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

ROSENBERG, Harold. A tradição do moderno. São Paulo: Perspectiva, 1974.

SANTOS, Gisele do Rocio Cordeiro Mugnol. Orientações e dicas praticas para trabalhos acadêmicos. Curitiba: Ibpex, 2007.

SILVA, Marise Borba da. Metodologia para iniciação a prática da pesquisa extensão II. Florianópolis: UDESC/FAED/CEAD, 2001

ZAGONEL, Bernadete. Arte na educação escolar. Curitiba: Ibpex, 2008.